



Serviço Público Federal - Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Rondônia
Curso de Licenciatura em Educação do Campo
Ciências Humanas e Sociais
Campus Rolim de Moura



AUTO - ORGANIZAÇÃO DOS ESTUDANTES NO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO E O PROCESSO FORMATIVO DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA¹

Evaldo Albani Procópio²
Nelbi Alves da Cruz³

RESUMO

O trabalho “Auto-organização dos estudantes no curso de licenciatura em Educação do Campo e o processo formativo da pedagogia da alternância”, analisa o modo de organização dos estudantes na forma como está sendo implantada a pedagogia da alternância no Curso Licenciatura em Educação do Campo da UNIR. A pesquisa busca perceber as características e dizeres dos estudantes e professores sobre a pedagogia da alternância e a importância da organização dos estudantes como formadores de consciência crítica desses sujeitos. Trata-se de pesquisa exploratória, com abordagem sociohistórica que envolve oito sujeitos, utilizando-se de entrevistas e questionários, sendo dois estudantes, um da turma de ciências da natureza outro da turma de ciências humanas e sociais, e questionário com uma professora da turma de ciências humanas e sociais e esse último instrumento com três alunos das ciências humanas e dois da ciência da natureza. A pesquisa demonstrou que a pedagogia da alternância proposta pelo curso tem falhas na sua aplicação, pois os instrumentos pedagógicos que compõem essa pedagogia não estão sendo aplicados no curso, ficando mais com o tempo universidade do que com o tempo comunidade, pois nesse tempo comunidade não trabalha a realidade dos camponeses. Percebeu-se também que a organização dos estudantes e a pedagogia da alternância, com a atuação ativa dos professores do curso é decisivo e urgente para a formação sócia pedagógica dos futuros profissionais, que atuarão na educação do campo de Rondônia ou outros estados do país.

Palavras-chave: Pedagogia da alternância. Instrumentos pedagógicos. Auto-organização dos estudantes.

¹ Artigo apresentado como requisito parcial do Trabalho de Conclusão do Curso, da Licenciatura em Educação do Campo, Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Campus Rolim de Moura-RO.

² Graduando do Curso de Licenciatura em Educação do Campo - Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E-mail: albanio77@gmail.com

³ Professor do Departamento de Educação da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Campus Rolim de Moura. E-mail: nelbiac@unir.br

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende apresentar as experiências existentes na área da educação, de um modo de fazer utilizando-se os princípios e instrumentos da Pedagogia da Alternância (PA), no curso de Licenciatura em Educação do Campo da UNIR, *Campus* Rolim de Moura-RO. Vale observar que esses são ferramentas de avaliação do educando nas Escolas Famílias Agrícolas (EFAs). A minha relação com a PA inicia-se com a entrada na EFA de Vinhático, localizada no município de Montanha, estado do Espírito Santo, em que lá foram concluídos o ensino fundamental e o médio, formando em técnico em agropecuária, por oito anos, o que tornou possível desenvolver a compreensão da importância em viver em coletivo, com organização dos estudantes, responsabilidade com as tarefas, respeito aos colegas e dirigir a organização quando necessário.

Só foi possível ficar durante oito anos nessa escola, por causa da aproximação que há entre os estudantes, comunidade, família e os professores, ou seja, naquele momento tinha responsabilidades compartilhadas com os sujeitos que nela estavam envolvidos. Contava com regras comportamentais e disciplinas a serem seguidas, mas era raro os casos de autoritarismo por parte dos professores, havendo com isso uma relação mais harmônica entre estudantes e professores, devido ao fato de o professor estar sempre visitando as famílias, bem como por conta da aplicação dos planos de estudo que eram feitos na realidade prática e difere daquela utilizada em sala. Naquela experiência, conseguiam-se bons resultados e na experiência vivenciada, pois os estudantes faziam parte do planejamento do curso, participavam das reuniões com professores e faziam assembleias constantemente, garantindo o poder de representatividade em todas as instâncias da Escola Família Agrícola (EFA).

O trabalho tem como objetivo central, compreender como se desenvolveu e funciona a organização dos estudantes no Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal de Rondônia, *Campus* Rolim de Moura. Tal curso foi desenvolvido por professores, técnicos e representantes de movimentos sociais, com a ideia que seja aplicada a pedagogia da alternância. Assim, se busca refletir sobre o processo e o funcionamento da auto-organização dos estudantes do curso, como forma de atender aos princípios de tal pedagogia. Especificamente tem a finalidade de analisar os dizeres dos estudantes sobre a auto-organização desses no curso em licenciatura em educação do campo; verificar a relação entre estudantes no processo de implantação da pedagogia da alternância no referido curso; conhecer as características da organização dos estudantes, e sua influência na vida desses

acadêmicos. Nessa perspectiva foi necessário fazer questionamento sobre o papel do professor na pedagogia da alternância, bem como a sua influência nesse instrumento pedagógico. Sinteticamente, o problema se resumiu em compreender o funcionamento da auto-organização dos estudantes no Curso de Educação do Campo da UNIR e sua relação com o processo educativo proposto pela pedagogia da alternância.

Sobre o assunto abordado nesse trabalho, tem-se a contribuição de Pistrak, pedagogo russo que desenvolveu teorias sobre a auto-organização dos estudantes na escola da Antiga União Soviética. Segundo Pistrak (2005), “a base da escola do trabalho se faz com a relação entre realidade atual e auto-organização dos alunos”, ou seja a transformação da consciência e da educação, só poderia acontecer se o foco for aquilo que acontece ao redor e deve ser os alunos os sujeitos que irão dirigir a educação progressista, em prol de uma sociedade para todos. E isso se relaciona com a proposta do curso em estudo. Outro autor que ajuda na análise foi Renê Capriles (1989), que em sua obra “O Nascimento da Pedagogia Socialista” aborda sobre a organização dos estudantes em coletivos.

Além disso, foram também trabalhados os princípios e método da pedagogia da alternância, relacionando com os princípios de autonomia, que devem ser alcançados com o que foi proposto no Projeto dessa Licenciatura em Educação do Campo e, nessa direção, tem-se a contribuição de Ribeiro (2010), que para ela a pedagogia da alternância tem a capacidade de alcançar conhecimentos em relação ao trabalho que se produz e qual o valor daquilo que se produz no sítio, e como exemplo, cita-se a quantidade em quilos de uma determinada produção, com isso é possível fazer relação do trabalho agrícola e educação escolar. Na disciplina de matemática, pode-se compreender o que significa os valores da produção de mandioca e todos outros produtos agrícolas. Sabendo que essas atividades estão ligadas diretamente à realidade do camponês, assim fica mais simples o entendimento da matemática e sua importância para a vida.

Silva (2000), em sua tese apresenta duas experiências em alternância nas Escolas Famílias Agrícolas e como acontece essa formação, discute o papel do monitor na pedagogia da alternância, e segundo ela, esse educador precisa levar uma nova tecnologia aos alunos e pais, e os conteúdos devem ter relação com a realidade dos educandos e que possa ser “importante para o desenvolvimento profissional dos jovens”.

Metodologicamente se utilizou da pesquisa exploratória com uma abordagem sociohistórica, buscando entender o contexto em que acontece a auto-organização desses estudantes do curso. O trabalho envolveu oito sujeitos, sendo sete estudantes e uma professora do curso. Esses estudantes estão ligados em movimentos sociais e atuantes, também boa

participação no curso, a professora é socióloga e muito interessada em compreender melhor a pedagogia da alternância proposta pelo projeto do curso e também tem uma pequena experiência em EFAs. Como instrumentos de coleta de informações feita a observação, que foi em relação como se dá a divisão do trabalho, comportamento do estudantes, responsabilidade e o sentimento de ajuda ao colega entre tantas observações, essa então foi o (Apêndice A), questionário (Apêndice B), entrevista (Apêndice C), aos estudantes durante o tempo universidade (TU). Em relação à entrevista esta foi feita com dois estudantes, sendo um estudante das Ciências da Natureza e um estudante das Ciências Humanas. Na seleção foi observado para envolver pessoas que representam o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), da Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Rondônia (FETAGRO). Em relação ao professor foi selecionada uma professora da área das Ciências Humanas e Sociais, a fim de entender o ensino por alternância e o papel da PA.

Ao realizar a pesquisa percebeu-se que em ambas as experiências com o uso da auto-organização, há uma preocupação com o protagonismo do jovem para que este, se consolide como capaz de produzir seus conhecimentos e aprenda reivindicar seus direitos e liberdade de expressão em todo e qualquer espaço. Portanto, este trabalho poderá servir de embasamento para o aprendizado ao desenvolver a organização do coletivo dos alunos, fazendo um contraponto à educação individualista, que é proposta pelo sistema capitalista. Assim, se esse instrumento pedagógico estiver relacionado com a realidade dos estudantes poderá ser uma ferramenta para que os professores possam desenvolver um relacionamento diferenciado com os estudantes, auxiliando na formação desses sujeitos, de maneira que amplie sua autonomia e protagonismo, frente à educação alienadora, e assim podem construir uma consciência sobre o valor daquilo que se produz com seu trabalho tanto valor econômico, mas também valor que preserve a cultura e a memória viva, desse modo podem adquirir consciência política crítica, sendo formadores de opinião nas escolas do campo em que estiverem atuando profissionalmente.

2 A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA E SEU PROCESSO FORMATIVO: UM OLHAR SOBRE AUTO-ORGANIZAÇÃO

A pedagogia da alternância é um método, que vem sendo usado como princípio metodológico no fortalecimento do ensino do campo, com objetivos de “desenvolvimento rural”. (SILVA, 2000), aborda que a alternância, no sentido educativo aparece como forma de

entender a importância da vida no meio em que se vive do trabalho na escola, como elementos na formação humana. Para isso alternam tempos de estudo, hora no espaço escolar hora no espaço da comunidade que se vive ou outro espaço. Para Calvó (1999, p. 17), “alternância é um conjunto dos períodos formativos que se repartem entre o meio sócio profissional (seja na própria família ou na empresa) e a escola. Isto sempre dentro de uma interação educativa escola meio”. Percebe-se que a alternância na educação, busca sempre uma relação entre o aprendizado e valores encontrados em qualquer trabalho independente de ser familiar ou não, mas que esses estejam em sintonia com os saberes científicos de modo que vai conhecimento e volta conhecimento com abordagem mais sistêmicas.

A pedagogia da alternância entende que o uso do aprendizado na escola e na família se faz tendo o trabalho como princípio educativo. A divisão de tarefas nos coletivos em suas organizações e até na família pode propor uma maior responsabilidade, compromisso e respeito pelo outro e os estudantes também podem ser responsáveis pela organização dos espaços pedagógicos, de maneira organizada no coletivo do grupo.

Para Carvalho; Mares (2009), a pedagogia da alternância tem a proposta de uma educação crítica que compreende a importância da conscientização de suas identidades da importância de seus saberes e a transformação do meio. Ribeiro (2010, p. 293), afirma que essa pedagogia surgiu como demanda de filhos de agricultores franceses, explicitando que esses haviam perdido interesse pela escola porque o ensino que era lhes oferecido não estabelecia nenhuma forma de articulação com o modo de vida e de trabalho camponês.

Segundo tal autora, os movimentos sociais que fazem um trabalho de luta com os trabalhadores do campo buscam por uma educação com ideais da realidade do camponês, além dos objetivos dessa educação, alcançar autonomia com seus modos de educação. No entanto, precisa-se compreender que sem o trabalho em coletividade, não será possível superar a educação burguesa, pois essa tem a proposta de uma educação individualista que coloca as pessoas em constante concorrência tentando ser o mais intelectual. Nesse sentido constroem uma desorganização entre os estudantes e todo quadro educativo, dessa forma não alcançam a formação de um novo ser humano.

Ribeiro (2010), diz que esse é um modelo de ensino que pode promover melhor interatividade entre educação proposta nas disciplinas com os fatos reais que devem ser discutidos em sala de aula, fazendo dar sentido à sua realidade da comunidade, tornando possível que os conteúdos desenvolvidos em sala possam ser colocados em prática de maneira que isso seja atraente aos alunos, pois esse elo escola e comunidade, podem trazer conteúdos relacionados a realidade, teoria e prática, ou seja práxis. Ribeiro (2010), ressalta ainda que a

PA “tem o trabalho como princípio ativo e uma formação humana e integral que articula dialeticamente o trabalho produtivo ao ensino formal”. Fica claro, que o trabalho e aquilo que ele representa é que é importante, sendo assim a educação do campo com a PA só faz sentido se os conteúdos escolares abarcarem o trabalho. Assim, a ideia de educação, nos modos em alternância merece um entendimento mais claro, sabendo que são métodos construídos com a luta e que não tem os mesmos princípios que a educação conservadora, aplicada nas escolas e nos ensinos tradicionais.

Na educação proposta no Centro Educativo Familiar de Formação por Alternância (CEFFA), segundo Calvó (2010), “o termo educação é empregado em oposição aos termos de ensino, aprendizagem ou instrução, para insistir na ideia de superar a simples transmissão de conhecimentos ou habilidades motrizes”. A educação nos CEFFAS procura desenvolver nos jovens o espírito de responsabilidade e compromisso, e essa educação, busca neles a aplicação de valores, conhecimentos e capacidades que os auxiliem na vida familiar e profissional. Tal metodologia não olha a educação como aquela que só transfere conhecimento, mas transforma o sujeito jovem.

Freire (1996), afirma que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou construção”. A educação não precisa de ensinamentos que na verdade é uma marca que a educação burguesa injeta nas pessoas e essas passam a ser repetidoras de dados, mas que o educando possa expor seus saberes e que a escola trabalhe esses de forma explicativa e crítica. Nesse sentido, pode-se compreender que o professor educador, precisa ser prático e demonstrar que deve ser condizente com que apresenta com sua fala e que a educação não pode servir, a uma classe que tenha interesses com uma educação com ideais burgueses.

Os CEFFAS, como já dito anteriormente, tem como objetivos o desenvolvimento local e a formação daquelas pessoas que ali estão, melhoras econômicas do local, com o interesse que camponeses e produtores rurais permaneçam na comunidade. O ensino por alternância precisa provocar uma boa relação entre estudo e trabalho e que seja de acordo com a realidade das pessoas daquele meio.

Numa direção semelhante, o pedagogo russo Pistrak, aborda a necessidade da preocupação com a realidade atual no processo revolucionário, indicando que:

A realidade atual é tudo que na vida social da nossa época está destinada a viver e desenvolver, é tudo que se agrupa em torno da revolução social vitoriosa e que serve de organização da vida nova. A realidade atual é também a fortaleza capitalista assediada pela revolução mundial. (PISTRAK, 2005, p. 32).

Pistrak (2005) entende que na consolidação da revolução, se faz necessário compreender a importância de estar atento à realidade atual e na auto-organização dos estudantes, esse que vai da infância até a juventude. Esse autor, parte da premissa que esses alunos já fazem parte da sociedade e por isso devem ser membros diretores, mas nessa missão é preciso ensinar os estudantes a trabalharem coletivamente [...].

Capriles (1989, p. 13), assevera que “coletivo é um organismo social vivo e por isso mesmo, possui órgãos, atribuições, responsabilidades, correlações e interdependência entre as partes. Se tudo isso não existe, não há coletivo, há uma simples multidão, uma concentração de indivíduos. ” Ou seja, é necessário compreender que a união pelo mesmo interesse, construção e conscientização na busca pela unidade de pensamento é que vai construir o coletivo na escola.

D’avila e Mello (2015), escrevem sobre a experiência na Escola Estadual do Campo Iraci Salete Strozak, localizada em Rio bonito do Iguazu- Paraná. Descreve a experiência sobre a organização de estudantes, que compreenderam sobre a necessidade de se organizar em coletivos e participarem das decisões na escola que vão em direção da busca por uma educação do campo. Conforme esses autores, “a juventude do colégio passou a projetar a escola para que possa ser um espaço de formação humana e vinculada com a luta dos trabalhadores sem terra, que ao conquistarem o direito à terra percebem a necessidade de educação no/do campo para seus filhos”. (D’AVILA E MELLO, 2015, p. 2). A conquista da terra e a permanência na mesma exige, uma educação do campo com ideais, princípios e sobre tudo que tenha relação com a história e culturas desses camponeses, para assim criar raiz nesse lugar e fazer da terra território com identidade e sentimento de pertencimento.

Para Pistrak (2005), se faz necessário a organização dos estudantes e professores na compreensão das mudanças que devem ser feitas na aplicação das disciplinas e suas abordagens, e o objetivo fundamental da escola é, portanto, “estudar a realidade atual, penetrá-la e viver nela”. Argumenta ainda que:

A primeira dedução relaciona-se com o objetivo da educação: Nossa concepção da realidade atual obriga-nos a rever o objeto de ensino tradicional, herdado da antiga escola, e os capacita a abandonar impiedosamente toda uma série de disciplinas, ou aspectos do curso sempre e quando tornem difícil a compreensão da realidade atual, afastando-se das noções essenciais sem as quais não poderia compreender a realidade atual. (PISTRAK, 2005, p. 33).

Acontece que educadores, educandos e todos responsáveis pela educação devem romper com conteúdos que não abordam a realidade daquela sociedade ou comunidade,

devem fazer uma abordagem sobre o conteúdo de modo crítico e construírem novas disciplinas, assim se faz necessário uma organização mais sistematizada. Desse modo, a auto-organização se faz com o envolvimento de estudantes, professores e a comunidade em que a escola se localiza. Também está ligada com as organizações sociais do campo, pois estão presentes nessa realidade. Esse princípio aplicado dentro da pedagogia da alternância só pode fortalecer realidade do educando, sua vida e identidades, assim podem juntos desenvolver métodos e conteúdos que seja importante para a vida do camponês.

2.1 A Pedagogia da Alternância: origem e prática nas escolas famílias agrícolas brasileiras

A origem da pedagogia da alternância se deu por razões de buscar um estudo, que tenha relação com a vida do estudante, conteúdos que seja voltado para suas realidades, promover melhor vivência e que a comunidade possa se desenvolver com conhecimentos técnicos adquiridos do ensino na escola. Segundo SILVA (2000, p. 61) “é na região sudoeste da França, especificamente Lot-et Garone que em 1935, teve início a experiência que surgiu a primeira Maison Familiare Rurale, em que houve o modelo orientador para as experiências em alternância que hoje se multiplicam pelo Brasil”. (SILVA 2000, p.61). O ensino por alternância surge então por uma demanda de agricultores que estavam preocupados com o meio rural. Essa autora fala que esse modelo de ensino iria propor formação geral e profissional.

Já no Brasil, tal pedagogia começa com A Escola Família Agrícola no estado do Espírito Santo, em 1968, por causa de uma demanda social, econômica e cultural, e segundo Begnami (2002), havia uma situação grave de agricultores com crise econômica e social, pela qual passava os agricultores do Sul daquele estado.

Essas escolas chegaram ao estado através do padre jesuíta Humberto Pietrogrande com o apoio do Movimento Educacional e Promocional do Espírito Santo- (MEPES). As EFAs surgem, tendo como base de aplicação prática as experiências italianas, e apoio financeiro de Organização não Governamental (ONG), que apoiavam o ensino no Brasil. Essa educação por alternância surge com o objetivo de propor uma formação do sujeito do campo em relação a uma formação de técnico em agropecuária, mas em outras regiões essa mesma pedagogia oferece cursos de técnico em agroecologia, técnico em agroindústria etc. Segundo Ambrósio (2002), “a formação por alternância é responsável pelos princípios éticos, construção de sujeitos participativos, transformação reflexiva, espírito de compreensão do outro,

compromisso no respeito e tolerância democrática.” Esses são alguns dos adjetivos que a pedagogia da alternância pode alcançar.

Essa pedagogia expandiu-se no Brasil através da Associação Regional das Casas Famílias Rurais (ARCAFAR), no sul do país em Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul (72) EFAs, no nordeste e norte encontra-se (47). Na União Nacional das Escolas Famílias do Brasil (UNEFAB), tem (145) EFAs nos estados do Acre, Maranhão, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Amapá, Minas Gerais, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Sergipe, Tocantins e Rondônia (UNEFAB, 2002). Atualmente são mais de 300 experiências de tal pedagogia.

Sobre os fundamentos da PA Calvó (2002, p. 126), acrescenta que “sem formação, não há desenvolvimento pessoal. Sem desenvolvimento pessoal, não há desenvolvimento local sustentável. Sem desenvolvimento local não há desenvolvimento pessoal integrado”. Assim, a metodologia aplicada pela alternância busca também uma transformação na forma de organização daquela comunidade.

Em Rondônia, inicia-se na década de 1980 e a pedagogia da alternância aplicada nas EFAs com seus instrumentos pedagógicos, atende um público diverso da agropecuária tradicional e da agroecologia, mas prioriza os pequenos camponeses. Essas escolas estão nos municípios de Cacoal, Ji Paraná, Jaru, Novo Horizonte D’Oeste, São Francisco do Guaporé e Vale do Paraíso, - RO. (CRUZ, 2018).

Na atualidade, a PA está sendo expandida para outras experiências não filantrópicas fora das EFAs na Prefeitura de Ji Paraná e outros municípios começam a discutir a sua implantação como em Cerejeiras, Alto Alegre dos Parecis. Essa atitude de educação do campo dentro dos moldes da PA teve início com parceiros do estado do Espírito Santo que tem muita experiência com essa pedagogia, mas é demanda dos agricultores rondonienses em busca de uma educação eficiente aos seus filhos. Assim a PA pode ser pensada de forma que essa venha ser ferramenta que crie uma dialética própria dos camponeses, possibilitando pensar um jeito diferente de fazer a educação do campo, mantendo um diálogo entre realidade dos adolescentes, jovens e adultos e as mudanças que a cada dia surgem na vida desses sujeitos.

2.2 A pedagogia da Alternância e os seus Instrumentos Pedagógicos

Para desenvolver educação diferenciada, entre a educação burguesa e a educação com base na alternância e com os princípios da pedagogia progressista, foi preciso criar métodos de ensino, didática e instrumentos pedagógicos, que de acordo com Ribeiro (2010), “os

professores tomam como base os temas geradores de Paulo Freire”. Esses temas geradores Freire (2005), analisa que esse instrumento pode ser um apanhado de relações históricas, que os seres humanos de forma consciente podem propor uma transformação, construção e assim está inserido em um processo de relação dialética, assim nessa relação de transformação da realidade surge uma nova.

Dessa forma, os humanos são capazes de a partir de um fato compreende-lo e assim criar ou gerar outros temas para ser debatidos, Freire, “ aborda que tema gerador é investigar, repitamos, o pensar dos homens referido à realidade, é investigar seu atuar sobre a realidade, que é suas práxis”(FREIRE, 2005, p. 114). São trabalhados de forma que busque realidades distantes e vem trazendo para a realidade mais próxima ou, seja a comunidade. Nesse sentido, as EFAs trabalham com temas geradores, ou seja, é um tema que tem relação direta com as famílias de alunos que estudam naquela escola. Esse tema deve ser trabalhado de forma interdisciplinar, dando resposta de forma teórica e científica à aquilo que os camponeses vem convivendo de forma cotidiana no senso comum, mas que não conseguem compreender sem a ajuda do professor da escola.

Para melhor aplicar os conteúdos de forma mais prática e dinâmica e com a participação das famílias, são desenvolvidos os instrumentos pedagógicos que podem ser: Planos de estudo, caderno da realidade, fichas pedagógicas e projeto profissional, vida de grupo, avaliações, organização do ambiente educativo, aulas, caderno da alternância, trabalho prático, serões, visita às famílias, visita de estudo, a propriedade agrícola, auto-organização dos estudantes, atividade de retorno, experiências e cursinhos. Na escola as avaliações têm objetivo de formar um ser humano responsável, participativo, organizado no coletivo, em cumprir as tarefas da semana escolar e com pensamento crítico.

Dentre os instrumentos pedagógicos, vale a pena destacar o plano de estudo, este é elaborado questionário sobre um determinado tema com base no tema gerador, é levado para a família ou comunidade e é respondido por eles e leva-se o resultado para a escola, e primeiramente passa por um processo de síntese. Assim, Carvalho e Mares (2009, p. 8), “afirmam que vai da comunidade informações, conhecimentos, vivenciam expectativas e necessidades que serão socializadas na semana seguinte e dialogam com conteúdo teórico e prático do professor”.

Esses instrumentos têm como função fazer articulação da PA. Segundo Gimonet (2007) é feito uma ligação entre local de vida do educando com o espaço educativo para assim possibilitar uma interação entre esses espaços. Um dos instrumentos pedagógicos mais importante é o caderno da vida ou caderno da realidade e esse instrumento, no seu próprio

nome, já deixa bem claro que no ensino por alternância é a realidade do educando e de sua comunidade é que se faz importante. Gimonet (2007), aborda que esse caderno passa a ser caderno da vida e onde será arquivado os aspectos da aprendizagem do educando, dos saberes e será formado um livro com conteúdos da vida e da história importante para a formação do ser humano. O caderno da realidade o plano de estudo que também é muito importante na alternância.

De acordo com Gimonet (2007), esse plano de estudo passa por quatro fases e numa delas é feito um guia de pesquisa ou questionário desenvolvido pelos alunos na escola, depois na família ou comunidade é feita discussão e respondem a essa pesquisa, voltando para a escola um dos monitores analisam o trabalho de pesquisa. Nesse mesmo momento é feita uma ilustração sobre o assunto que foi desenvolvido na família de forma que torne um documento agradável ao aluno, finalmente faz uma colocação em comum uma síntese de todas as pesquisas tudo isso vai para o caderno da realidade. Toda essa dinâmica na composição desse caderno tem que fazer sentido para a formação do aluno e isso deve ser sentido pelos monitores e pais, caso contrário ele está sendo reduzido a um simples instrumento didático. (GIMONET, 2007. p. 34). Para aplicar corretamente esse plano de estudo deve-se seguir uma metodologia que vá provocar os alunos a pensarem sobre o conteúdo:

A elaboração do conteúdo do plano de estudo reside, por excelência, numa atividade oral do grupo, que tem por objetivo, através de um trabalho de animação do monitor, fazer emergir o conjunto dos pontos a serem estudados sobre o tema proposto. Trata-se menos de fazer surgir perguntas do que permitir uma tomada de consciência das questões que surgem. (GIMONET, 2007. p. 35).

Um outro instrumento é a visita de estudo ou a intervenção que Gimonet vai chamar de o encontro e a descoberta. Desse modo, os alunos com o monitor fazem visitas em propriedades dos colegas para complementar as atividades desenvolvidas em sala e levar para sala de aula outras experiências, para isso é necessário uma boa interação e participação questionando e levantando dúvidas para que aconteça uma boa intervenção. Gimonet (2007), diz que para fazer boa intervenção precisa usar o tempo antes, durante e depois da visita. Antes da visita, deve conversar com o visitado explicar como vai acontecer falar da atividade, motivar as pessoas do grupo a fazer perguntas, interagir, enfim conhecer sobre o tema perceber os principais problemas encontrados elaborar questionário. Durante a visita ou intervenção deve-se ter respeito com o visitado, ficar atento e fazer anotações. Depois os educandos devem elaborar relatório sobre o tema discutido na intervenção e permitir uma boa aprendizagem, debates e discussão.

Outro instrumento pedagógico são as aulas e os cadernos didáticos, assim Gimonet (2007), compreende isso como caminhada pelos saberes e conhecimentos, são esses instrumentos que permitem o saber do aluno através do que vive e a saída para a escola para adquirir conhecimentos e conteúdos teóricos. Esse autor diz que isso traz a relação do meio que se vive o aluno e sua relação com esse lugar e que depois na escola coloca-se em comum a sua realidade e logo em seguida adquire conhecimentos teóricos e respostas para suas curiosidades, volta para casa, faz a aplicação e transmite o conhecimento no seu meio familiar e comunitário.

Esses dois últimos instrumentos pedagógicos e a ficha pedagógica que é um outro instrumento muito importante, e que são usados nos CEFFAs, tem os seguintes objetivos: Segundo esse diz:

Garantir a relação entre as noções teóricas e os saberes da experiência ou realidades da vida, favorecer a formação associada, incluindo, além dos conteúdos técnicos, conteúdos gerais (científicos, geográficos, históricos, econômicos...segundo os temas de estudo). Ser um instrumento de trabalho para que os jovens sejam autores de sua formação e “aprendam a aprender”. (GIMONET, 2007, p. 52).

São inúmeros instrumentos pedagógicos que somados no conjunto vão mostrar a importância de fazê-los, juntamente com a auto-organização dos estudantes, tema desse trabalho.

2.3 A Escola e a Auto-organização dos Estudantes como Princípio Educativo

Partindo da realidade que o povo russo naquele momento (pós revolução comunista) vivia a maioria da população analfabeta e de certo modo, por causa da negação da educação imposta pela burguesia, desse modo, pedagogos da época propuseram a escola do trabalho, em que a organização dos estudantes e coletividade tornavam-se os protagonistas da educação socialista. Para Pistrak (2005), a escola para um melhor funcionamento serão necessários novos métodos relativos ao trabalho e à auto direção, pois o objetivo é formar um novo homem consciente de uma educação crítica em relação à sociedade atual.

Essa escola, com tal método de partir da realidade do momento daquele país, a auto-organização dos estudantes seria relevante para consolidar o projeto de educação proposto pela sociedade progressista. A preocupação com a realidade atual está cravada no pensamento que segundo Pistrak (2005, p. 33), “é que nossa concepção de realidade atual nos obriga a rever o objeto do ensino tradicional, herdado da antiga escola, e nos capacita a abandonar

impiedosamente toda uma serie de disciplinas ou aspectos do curso sempre que estiver tornando difícil a compreensão da realidade”.

Pistrak (2005), está atento aos conteúdos que devem ser aplicados e qual posição os alunos devem tomar diante da nova escola. Não se podem aplicar os mesmos conteúdos livrescos, porque na verdade deve-se ficar atento com a realidade do presente, pois sendo assim em vez de dá a cada aluno a possibilidade de responder à questão, mas aluno dizer qual o espaço deve assumir na realidade atual na luta entre presente e passado. O objetivo dessa educação é fortalecer os alunos com conteúdos e abordagem do momento atual para assim armar os alunos de conhecimento e ciência e que devem passar por um processo de transformação no entendimento e conscientização da nova ordem russa.

Assim a auto-organização dos estudantes soviéticos, juntamente com os professores no processo de mudança na educação, se organizam, se auto direcionam, criticam o ensino didático e conscientizam esse novo momento. O coletivo desenvolvido com a auto-organização dos estudantes, tem preocupação com a divisão das tarefas, para que essas sejam de acordo com a idade. Nessa organização não era permitido que o professor fosse autoritário com os alunos, mas que somente exercesse sua autoridade, que a criança também deveria ter suas próprias ideias.

Em experiência brasileira, a auto-organização no colégio Iraci Salete, interage com o pensamento de luta do (MST), e D’avila; Mello (2015, p. 3), diz que com os cursos de formação da juventude e o processo formativo e organizativo do MST, “despertou o espírito de militância na juventude e a necessidade organizativa de criar suas próprias formas coletivas de organização no colégio”. As experiências dos estudantes dessa escola são semelhantes ao processo proposto pela pedagogia da alternância, pois o objetivo é relacionar os conhecimentos científicos da escola com as propriedades dos assentados.

Dentre tantos objetivos da escola um deles de acordo com D’avila e Mello (2015, p. 5), “é desenvolver a autonomia, capacidade organizativa, e o trabalho coletivo das crianças e adolescentes, ou seja, essa auto-organização é um processo coletivo e deve ter bem claro o que queremos com a escola.”

Para desenvolvermos uma educação emancipadora, autônoma os estudantes devem se auto organizar na escola e para isso é importante a compreensão, de constituir o coletivo se querem lutar por uma educação progressista. Nesse sentido Ferreira diz que, se pensar um verdadeiro coletivo na escola é preciso despertar esses interesses para que os estudantes inspirem a partir dai novas práticas e ideologias revolucionárias (FERREIRA, 2006, p. 21).

Ferreira (2006), conta como é a organização dos estudantes no Centro Formativo e

Formação por Alternância (CEFFA), de Jaguaré, comenta que os alunos nas suas famílias fazem os trabalhos como: cuidar das criações, horta, plantio, colheita, o plano de estudo e outros, e essas atividades são orientadas pelos monitores no tempo escola e quando na escola fazem tarefas do ambiente educativo que fazem parte da organização dos estudantes, planejam o momento do esporte e lazer ou, seja, planejam sua formação na escola, família e sociedade como um todo. (FERREIRA 2006, p. 44-45).

A organização dos estudantes de acordo com Ferreira (2006), deliberava estudantes como coordenador de cada setor, como na mística no serão eles eram responsáveis em organizar e distribuir tarefas entre os membros do coletivo de forma responsável e organizada. Havia os responsáveis em coordenar o esporte e tudo em torno dele, todos setores da propriedade como: Horta, pocilga, aviário, pomar e outro setores mais, isso tudo junto com os monitores. Os estudantes se organizam, fazem reuniões para falar das dificuldades, problemas e possíveis soluções sobre os trabalhos que desenvolvem, fazem avaliação, e às vezes sem a presença dos monitores. Segundo Ferreira (2006), esses encontros tinham o objetivo de proporcionar maior autonomia. São os estudantes que também coordenam a divisão de tarefas como: lavar louças, refeitório, dormitório, pátio, cozinha etc.

No CEFFA de Vinhático, Montanha, estado do Espírito Santo a auto-organização dos estudantes tem como objetivo, ter representatividade junto com as reuniões de professores e de pais, tem os representantes de todas turmas que na maioria das vezes levam os pontos para pauta de interesses da turma e discutido com as turmas. Na associação dos estudantes acontece eleições a cada dois anos para escolha dos dirigentes. São os estudantes os principais responsáveis em organizar as festas da compra de materiais até a prestação de contas, são eles também que organizam e dirigem os torneios de futebol. Os estudantes organizam as gincanas escolares, divisão de tarefas da semana, aquele que lava louça, banheiro, limpa pátio, dormitório etc. fazendo o rodízio na execução de tais tarefas.

Tem-se também os trabalhos do campo que acontece a mesma divisão de tarefas fazendo rodízio, e muitas vezes o professor não está presente nos grupos, mas os próprios estudantes têm a responsabilidade de conduzir os trabalhos até o horário determinado.

2.4 Auto-organização dos Estudantes na Licenciatura em Educação do Campo

Para começar foi questionado, sobre o que se entende por auto-organização dos estudantes e foram obtidas as seguintes respostas: disse que, é quando os estudantes decidem se organizar por conta própria, e que pode ser compreendida como um movimento entre

estudantes que tem como objetivo resolver questões que estão ligadas ao curso que, é uma certa autonomia, pois a instituição deveria fornecer condições para os estudantes durante o período em graduação, mas como isso não acontece se organizam em busca de seus objetivos, é uma organização coletiva, que necessita de regras de bom convívio, distribuição de tarefas e cumprimento de horários.

Buscou-se então compreender como se deu o início da organização dos estudantes e porque essa aconteceu. As respostas foram que começou com a aula inaugural quando os estudantes decidiram ter maior representatividade por necessidade de alojamento, transporte, pois a Universidade não oferecia essa assistência necessária para permanência no curso.

Com o passar do tempo, foi fundada uma associação de estudantes, mas nem todos eram sócios e foi comprada uma casa com a doação de uma professora da Universidade Federal de Amazonas (UFAM), e os sócios moram lá até hoje. A partir do conhecimento da realidade dos estudantes que estão espalhados pelo estado de Rondônia, então se organizaram para diminuir os custos que individualmente seriam grandes e também pelo fato de necessitarem fazer os trabalhos de grupo.

A organização dos estudantes funciona da seguinte forma: tem aqueles que estão na casa da associação pagam uma cozinheira, e as tarefas são divididas entre os membros da casa; os que estão em casa alugada também dividem as tarefas e também existem regras de convivência, lutam para melhorar o desempenho do curso fazem reuniões sempre que necessário para discutir a forma que o curso está sendo conduzido. No início do curso alguns estudantes moraram nas casas dos professores do Curso de Pedagogia, *Campus Rolim de Moura*, sendo essa também uma forma de organização dos estudantes com representantes por turma.

A compreensão de auto-organização de estudantes na visão de Pistrak (2005), está ligada a questão da realidade atual que se preocupa com os desastres do passado na questão social e na educação e que a educação no regime socialista deve propor essa transformação na mentalidade dos alunos e da sociedade em geral que é eliminar os métodos e ideais dos cursos da velha escola, mas os conceitos dessa realidade atual danosa ao povo deve ser penetrada no sentimento das pessoas para que possa aderir as ideias da escola socialista. Desse modo a auto-organização dos estudantes precisa traçar algumas metas para que funcione.

Nesse sentido, Pistrak (2005), aborda que é preciso saber o que deve construir, mas essa discussão deve ser feita na base com a base e como construir esse novo ensino, então é preciso desenvolver três qualidades nos alunos, sendo a primeira trabalhar coletivamente e para encontrar espaço num trabalho coletivo; a segunda para analisar cada problema novo

como organizador; e, terceira e última aptidão para criar as formas eficazes de organização”. Dessa forma buscar o diálogo entre os membros do coletivo, numa forma que encontrem as melhores saídas, respeitando a divisão social do trabalho a questão de gênero e suas tarefas, idades dos membros, desse modo desenvolvem consciência coletiva e política.

Em relação a participação de estudantes no planejamento do curso, que na organização dos estudantes isso é essencial, pode-se citar a experiência da organização dos estudantes na escola do campo Iraci Salete Strozak que D’avila e Mello (2015), comenta que essa escola desde o início recebeu a participação do coletivo de estudantes, que coordenam as turmas e se reúnem para discutir assuntos referentes à gestão escolar e demandas das turmas.

Percebam então que dentro da pedagogia da alternância e na escola do trabalho se tem a presença de conhecimentos de como funciona a educação nos moldes de emancipar o sujeito e no sentido de autonomia em relação a uma educação de acordo com a realidade. Assim sendo, para que isso aconteça devem os alunos se organizarem em coletivos e organizações para lutarem por uma educação fora dos ideais de conservadorismo.

Diante das premissas da educação progressista foi trabalhado com os estudantes qual o posicionamento deles diante do modo de educação que vem sendo aplicado no curso, as seguintes respostas: comentou que não se posiciona nem a favor e nem contra, falou que não criticam, pois usam o tempo se desdobrando para realizar atividades aplicadas, por não ter conhecimento de como funciona a pedagogia da alternância, comentaram também que a turma está na fase inicial, nenhuma turma se formou ainda e propor mudanças para que as próximas turmas não passem por tantas dificuldades.

Como já foi observado, esse curso foi elaborado dentro do modelo da pedagogia da alternância, com o objetivo de que estudantes tivessem boa relação de conteúdos com a realidade da comunidade, nessa proposta foi necessário saber dos estudantes o que eles entendem por alternância, que segundo eles: é um período que intercala tempo escola e tempo comunidade, é uma dinâmica de estudo, onde em que os estudantes passam tempo na Universidade e depois retornam para a comunidade, repassando o conhecimento adquirido através dos trabalhos orientados pelos professores. Assim, na Universidade aprende de modo teórico e voltamos para a comunidade para tentar colocar em prática, sempre desenvolvendo atividades que busque melhorar a vida das pessoas que mora na comunidade, visando melhoras no que se encontra na estrutura social do cenário político atual. Na alternância, deve fazer a relação de conhecimentos entre o empirismo, saber científico e desenvolver projetos nas comunidades para atender as mesmas e de modo geral os Movimentos Sociais.

O conceito de alternância é bastante complexo, encontrou-se em (Silva apud Robert

2003) que “alternância significa a sucessão repetida no espaço e no tempo, em uma ordem regular, dos elementos de uma serie”. A alternância tem a função de trabalhar essa questão de espaço e tempo. Nesse sentido Calvó (2010), partindo das ideias de Gimonet analisa que a formação por alternância não pode ficar presa só na ideia de teoria e prática, mas a realidade vai muito além, não é simplesmente se apegar ao método, mas infiltrar dentro da realidade do dia-dia para assim construir um sistema educativo produtivo ao homem do campo.

Depois da apresentação feita pelos estudantes, sobre o entendimento da alternância, discutir de qual seria então a proposta da alternância dentro do curso Educação do campo, sabendo que esse surge de uma demanda dos camponeses é um projeto em disputa e a pedagogia da alternância é uma das formas de alcançar os objetivos, principalmente despertar no estudante, o espírito crítico diante do modo de educação conservadora que sufoca os cursos na Universidade.

Para que os objetivos sejam alcançados, se faz necessário aplicar o método da pedagogia da alternância, nesse sentido foi questionado junto aos estudantes se a proposta da pedagogia da alternância aplicada pelos professores tem alcançados os objetivos da organização dos estudantes, as respostas foram as seguintes: que os objetivos não estão sendo alcançados, exatamente porque da forma que esta sendo trabalhado, essa proposta não atende as necessidades dos estudantes que são do campo e deveria ser melhor pensado isso, pois a alternância aplicada não parece ser de fato e de direito.

De acordo com a compreensão dos estudantes, em relação ao modo de alternância que vem sendo aplicado, foi possível juntamente com esses caracterizar a sua aplicação aqui no curso. A pedagogia da alternância no curso ela é construída em tempo universidade e tempo comunidade, na verdade no início do curso passamos por algumas experiências do que deveria ser realmente uma pedagogia da alternância, como os temas geradores, que vem a partir da realidade dos estudantes, mas na maior parte do tempo essa alternância, não passou de uma extensão do tempo universidade e tempo comunidade, sem muita relação com a realidade da comunidade dos estudantes. Nesse sentido, foi colocado que tem dúvidas se a pedagogia da alternância vem sendo aplicada de acordo com as teorias dos autores e que existe em outros cursos no Brasil, ficando bem provável essa não alternância dentro do modelo, pois não acontece as visitas dos professores nas comunidades, e se argumentam sobre a falta de recursos. Há também estudante que diz que está acontecendo um modo de estudo com participação da comunidade para a Universidade dividido em tempos universidade e tempos comunidade.

Nesse contexto é importante destacar a importância do professor monitor na

alternância, que também pode ser chamado de animador. Nesse sentido, Gimonet, (2007), comenta que em relação ao plano de estudo este é um dos instrumentos pedagógicos da alternância e o monitor se destaca como animador, na razão de ser responsável em fazer fluir o pensamento sobre o tema e assim conceber uma consciência sobre a importância do assunto. Outras considerações de Silva (2000), mostra a importância do monitor na EFA, sendo esse capaz de, provocar no aluno a capacidade de que esse faça a intervenção em sua família sobre os temas estudados na escola, com isso permanência no meio que se vive e que se torne uma um líder na sua região.

Com esse curso insere características diversas de pessoas, o curso surgiu através de luta, então é importante que o conhecimento seja devolvido para a comunidade, mostrando assim que não é só mais um curso para a formação profissional de uma pessoa, mas sim um curso de formação social para toda uma comunidade que o estudante está inserido.

Percebe-se que o curso é importante para a continuidade da alternância e também fortalecer a comunidade, sendo a chance que o filho dos camponeses tem em ter uma graduação universitária com os princípios da luta e do homem do campo com todas suas culturas e identidade. De acordo com as falas dos colegas, fica claro que a compreensão da alternância no curso aponta para uma necessidade de melhor esclarecimento.

Segundo os estudantes, as aulas do tempo universidade acontecem uma semana por mês, o restante do tempo é considerado tempo comunidade e são feitos os trabalhos de grupo e individual. No TU, os alunos podem tirar suas dúvidas com os professores e no tempo comunidade, o aluno aplica o que aprendeu. Acontecem também estudos na comunidade, para serem dialogado na Universidade, assim fica interligado tempo comunidade com o tempo Universidade. Houve pessoas que disseram que a pedagogia da alternância no curso é mal organizada, com pouca relação com a realidade do estudante em relação ao tempo comunidade. Considerando a relevância da alternância, para o bom andamento do curso e diante de tudo que foi demonstrado pelos estudantes. Será apresentado as perspectivas da organização dos estudantes, diante do modelo de pedagogia da alternância que vem sendo aplicado no curso em educação do campo.

Dessa forma, os estudantes entendem que deve continuar com a participação da comunidade, melhorar alguns aspectos, fazer com que as comunidades fiquem mais próximas da Universidade, não sendo só o estudante o intermediário. Outra perspectiva diz que a organização dos estudantes, em tese tem sido para atender as necessidades básicas para a conclusão do curso, não se sabe que ela expandirá a educação do campo em Rondônia, ela irá atender os anseios provisórios do estudante, mesmo com a própria associação que foi criada.

Sobre a forma de como o professor se envolve com a pedagogia da alternância nas Escolas Famílias Agrícolas (EFAS), o monitor tem a preocupação de conhecer a realidade das famílias e das comunidades dos estudantes, para desse modo, através dos instrumentos pedagógicos, como o plano de estudo, desenvolver os conteúdos teóricos relacionando com a prática desses estudantes Marirrodriaga (2010, p. 30), afirma que “o monitor se trata de um professor um tanto peculiar que tem que se converter em um animador da formação em alternância e acompanhar o aluno- a cada aluno- em seu itinerário de formação e inserção socioprofissional.”

Há uma representatividade especial dos monitores na pedagogia da alternância, em que esses buscam uma relação muito próxima e amigável com as famílias dos alunos, pois os pais estão satisfeitos com o trabalho dos professores porque acontece bom relacionamento entre os interesses das famílias com o da escola. Essa boa relação, vem acontecendo porque os alunos estão tendo um bom relacionamento com os monitores, relacionamento de confiança e de contentamento com o aprendizado, então fica mais fácil para os pais participarem dessa confiança, devido aos bons resultados e a partir daí Silva (2000), diz que as porteiras se abrem para os monitores nas propriedades.

Os papéis dos monitores na pedagogia da alternância nas EFAs são muito amplos; pois são responsáveis como coordenador da semana, responsáveis por setores de produção, cada professor da escola é responsável por uma turma e em alguns casos são responsáveis pelo dia. Ou seja, além das disciplinas, os monitores “são responsáveis pelos planos de aula, motiva o aluno para sua realização e também é responsável pelo lazer e esporte” (SILVA, 2000, p. 186).

O que já foi demonstrado, sobre o papel do professor na pedagogia da alternância, fica bem claro que esse precisa fundamentar-se em teorias que vá de encontro com a realidade. Assim, adquirir consciência sobre seu posicionamento como educador em uma nova escola com métodos diferentes, que tenha o objetivo de consolidar uma educação solidária e para isso será preciso eliminar o ranço da educação conservadora burguesa que há dentro do educador. Segundo Pistrak (2005, p. 25), “o objetivo fundamental da reeducação ou simplesmente educação do professor, não é só conceder formas prática, mas que ele mesmo encontre os melhores métodos, baseando em uma economia sólida e pedagogia social”. A partir da nova visão de educação, o professor será capaz de despertar nos educandos a conscientização de que é necessário destruir a educação burguesa, que há dentro de cada um e que o sistema capitalista é cruel e desumano. Nesse sentido, despertar nos educandos o espírito coletivo de luta a favor da educação socialista, compreendendo que na nova escola os

conteúdos devem estar relacionados com a prática, então o professor pode despertar esse sentimento de raiva em relação à ditadura do ensino burguês.

Dessa forma, o educando deixa de ser ingênuo e segue em direção do pensamento crítico sobre a realidade que o professor vai conscientizá-lo. Freire (1996), que o educando vai fazer e pensar sobre o fazer, assim desperta a curiosidade epistemológica do sujeito. Segundo esse autor está “errada a educação que não reconhece na justa raiva, raiva que protesta contra as injustiças, contra a deslealdade, contra a exploração a violência o desamor um papel altamente formador”. (FREIRE 1996, p. 40). Na licenciatura em educação do campo encontra-se muitas dificuldades em propor uma indignação aos educandos, pois é necessário conhecer a vida de cada estudante e sua história para poder desenvolver métodos que venha trazer uma compreensão maior sobre as injustiças que acontecem com as escolas do campo e a vida no campo e, infelizmente isso não está bem claro. Desse modo, o incentivo dos professores em relação à política social econômica e na educação torna-se relevante no papel de formador de personalidade crítica do educando.

Nas EFA o monitor desenvolve o trabalho com grande responsabilidade junto aos estudantes, com os pais dos estudantes e com toda escola. O monitor é aquele incentivador a aprender, a ser responsável organizado, incentiva o aluno a produzir na propriedade e questiona os pais a darem oportunidade para o filho se desenvolverem. O monitor no CEFFA tem como principal tarefa fazer formação desses educandos na sua adolescência e juventude e encaminham para uma boa projeção social e profissional. Calvó (2010, p.101). afirma que “o monitor é mais que professor, no sentido tradicional do termo, é aquele através do seu trabalho específico de educador e de formador se associa à responsabilidade de quem governa e anima o projeto global desse Centro”. Este trabalho está relacionado à uma formação profissional e social, que quando sair da escola será capaz de viver em todos os espaços com responsabilidade e compromisso, pois o monitor tem uma vivência muito próxima com os educandos no dia-dia diferentemente do professor tradicional, pois esse não conhece as necessidades e a realidade desse educando, assim não será capaz de ajuda-lo em seu projeto de vida.

Na proposta de educação por alternância nas (EFAs), o monitor deve estar bem preparado para essa tarefa, pois o papel do monitor é diferente do papel do professor tradicional, pois no tradicional o professor está atento somente com conteúdos de livro como ensino, não se aceita trabalho e nem avaliação por grupo, e como Calvó (2010) afirma que, “o professor só transmite saber”. O monitor nas (EFAs), entende que os trabalhos em grupo são importantes para aprenderem trabalhar em coletivo, respeitar a opinião do outro, ter

responsabilidade e que trabalho de grupo serve como dinâmica de aula.

O monitor se preocupa com as experiências dos alunos para desenvolver a aula e acompanha toda formação em todos ambientes pedagógicos do estudante. Essas são as diferenças dos dois tipos de educadores é fato que isso só é possível porque as instituições de ensino são diferentes e ideologias contraditórias. Professor com formação de ensino tradicional para trabalhar nas (EFAs) precisam passar por uma formação. Ribeiro (2010), comenta que na alternância acontece a relação teoria e prática em uma práxis com relação com o trabalho produtivo e o professor não recebe esse aprendizado nas licenciaturas. Precisam ainda passar por um processo de aprendizagem que atenda os princípios da pedagogia da alternância, pois a metodologia e materiais didáticos usados são outros:

Ser monitor no (CEFFA), é uma profissão diferente de ser professor tradicional, tem objetivos de desenvolver as aptidões necessárias para exercer a função de monitor em um sistema de alternância. Quer dizer construção dos planos de formação, condução das atividades e materiais de formação, relação com o meio e com os profissionais, atividades educativas com os jovens e com os adultos, acompanhamento individual de grupos, trabalho em equipe e animação de estruturas associativas. (CALVÓ 2010, p. 98-102).

O processo de formação de professores na pedagogia da alternância, também se deu com o movimento de educação promocial do Espírito Santo (MEPES), esse movimento preocupou-se com a formação desses professores, pois esses não entendiam os métodos e instrumentos pedagógicos que a escola exigia. Mesmo eles em suas atribuições como monitores tiveram que passar por formação, essa formação segundo Moreira (2000, p. 209), “variava ao longo dos anos e tinha três objetivos gerais: a consciência crítica da realidade, da adequada fundamentação teórica e da instrumentalização técnica”. Isso sugere o mesmo para os professores do Curso de Licenciatura em Educação do Campo de Rolim de Moura

2.5 Dizeres de Professor: pontos e contrapontos da auto-organização

Foi proposto saber a sua experiência e vivência com a educação do campo e a pedagogia da alternância. A professora (a), comentou que antes de começar a trabalhar no curso já havia tido contato com a pedagogia da alternância ao atuar como monitora no curso Técnico em Agropecuária, com ênfase em desenvolvimento sustentável, em Unai, em um projeto de extensão da Universidade de Brasília. O curso atendia estudantes dos assentamentos e comunidades rurais do Distrito Federal e entorno (Minas Gerais, Goiás e Bahia).

Ainda na graduação esta teve oportunidade de participar do Seminário Nacional por uma Educação Básica do Campo, realizada em 2002. Em 2010, ela foi professora horista na EFA Itapirema, Ji Paraná. A experiência durou um ano, até sua saída para o doutorado. Além dessas atividades a professora manteve contato constante com a Educação do Campo em espaços não formais pela proximidade com os Movimentos Sociais do Campo, que estão vinculados à via campestina, especialmente o Movimento Atingidos por Barragem (MAB) e o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST).

Desse modo então foi abordado a relação entre a organização dos estudantes e a professora. Segundo ela o relacionamento com os estudantes se dá de forma mais individualizada do que por meio de uma mediação coletiva, por exemplo, ela recebe muitas dúvidas individuais por WhatsApp e por e-mail. Essas dúvidas muitas vezes são partilhadas por mais pessoas, mas cada uma busca uma saída individual para seus problemas e isso a sobrecarrega, pois precisa responder várias vezes a mesma questão. Mesmo que ela entregue no início do semestre um documento com a proposta da atividade de tempo comunidade sistematizada, precisa reenviar diversas vezes ao longo do semestre. De acordo com ela, a sensação é que os estudantes buscam muito pouco a ajuda do colega ou temem receber orientações equivocadas e acabam recorrendo aos professores.

A auto-organização dos estudantes para se tornar funcional precisa de boa relação com o professor, dando ênfase aos ideais de solidariedade, buscando uma educação inovadora dos saberes do povo. De acordo com Pistrak (2005), o professor se faz importante quando ele expõe seus conhecimentos, colaboração com a luta e de sua experiência. Os professores devem criar métodos juntos aos jovens para esse novo ensino nessa nova escola

Assunto muito importante que foi trabalhado com a professora foi em relação a auto-organização dos estudantes e sua participação ou envolvimento de alguma forma no planejamento do processo educativo, e, segundo a professora, ainda não se conseguiu incorporar a participação estudantil no planejamento que os docentes estão começando a realizar de forma mais sistemática no curso.

Eu costumo pedir sugestões para as disciplinas que irei ofertar no semestre seguinte quando estou no semestre em curso e também apresento o plano de curso no primeiro dia de aula, ainda de maneira aberta, para que possa incorporar as sugestões que os estudantes apresentam. As contribuições são raras. Em geral, acolhem a proposta que apresento e quando se manifestam, é para questionar algum ponto de insatisfação com a forma de avaliação. Às vezes, no meio do semestre, percebemos que alguma proposta encaminhada no início do curso se mostra inviável e a reformulamos. (informação verbal).⁴

⁴ Entrevista cedida pela professora Renata da Silva Nóbrega, em maio de 2019, em Rolim de Moura- RO.

Uma experiência muito importante em relação a organização dos estudantes, sua influência e participação nos planos de aulas principalmente em relação aos instrumentos pedagógicos:

A relação dos monitores como um dos articuladores e responsáveis pelo plano de formação dos estudantes assumem cotidianamente a função de orientar a estrutura e organização da vida de grupo, fazendo refletir as ações, fatos e acontecimentos que ocorrem na vivência dos jovens durante o tempo que permanecem no período escolar. Neste sentido, todos os instrumentos da pedagogia da alternância tornam-se relevantes para o aprofundamento da realidade local, dando destaque especial à associação dos jovens, como espaço de exercitar o espírito coletivo e solidário da vida em sociedade. (FERREIRA 2006, p. 48).

Tal pensamento assemelha ao que disse a professora do Educação do Campo, que considera a organização estudantil central para o bom andamento do processo pedagógico, especialmente em um curso como a Educação do Campo, que preza pela autonomia dos sujeitos, e também é parte constitutiva do processo formativo, em que cada um assume compromissos individuais e coletivos. Esta prática cotidiana também é formação humana.

A organização atual dos estudantes seja, em partes, um reflexo da organização pedagógica do curso, que ainda precisa amadurecer seu entendimento e prática a respeito do que é a alternância no ensino superior. Nesse sentido, há a necessidade de saber diante da fala da professora e da importância de conhecer melhor sobre a alternância no ensino superior e que isso deve partir tanto dos professores como dos estudantes. Assim, para um bom relacionamento com os estudantes deve-se ouvir e refletir sobre as críticas e considerar suas especificidades sempre que possível.

2.6 Vozes dos Estudantes: a Pedagogia da Alternância e a auto-organização em debate

Em relação ao começo da auto-organização dos estudantes no curso em Licenciatura em Educação do Campo e o porquê de sua existência, o entrevistado (1), disse que a partir do conhecimento da realidade dos estudantes percebeu-se que se estivessem organizados seria mais fácil superar as dificuldades que poderia ocorrer e com isso começou a se organizar para reduzir custos em transporte, aluguel e também para execução dos trabalhos exigidos na Universidade, organização de alimentação, entre outros de interesse coletivo. Esse mesmo entrevistado afirma ainda que essa organização dos estudantes funciona da seguinte forma:

De início quando o grupo estava mais concentrado, fazia assembleias para tomada de decisões, depois foi dividindo em grupos menores e as decisões eram tomadas a

partir do debate no coletivo. A auto-organização é de fundamental importância, pois muitos só consegue prosseguir devido as conversas que contribui para elevar a autoestima de várias pessoas e com isso prosseguir. (informação verbal)⁵

A organização dos estudantes surge dentro de um regime comunista, pois dessa forma pode fazer um contraponto aos ideais da velha escola. Nesse sentido Pistrak (2005), analisa que se faz necessário nova metodologia para romper com disciplinas que não tem relação com a realidade atual e que aconteça a auto direção que os estudantes fazem parte, assim construir um novo ser no espírito da coletividade com objetivos que as classes sociais não existam mais., ou seja, a educação terá tarefas de construir a consciência do socialismo nessa sociedade. Nesse modelo de educação os estudantes se organizam e tem maior representatividade. De acordo com D’avila e Mello (2015), a auto-organização busca espaço na gestão escolar, ela tem a capacidade de lutar por autonomia, liberdade de expressão, constroem novos saberes e de forma coletiva é que conseguem deixar bem evidente o que querem.

Outra questão também abordada diz respeito à influência da organização dos estudantes no processo educativo por alternância proposto pelo curso, o porque e como isso acontece, e o entrevistado (1), disse que não distancia de sua realidade e com isso o conhecimento adquirido na Universidade passa a ter sentido na comunidade em que reside, já que muitos desses conhecimentos é partilhado com ela. Já o entrevistado (2), disse que:

A organização dos estudantes não tem opinião sobre o processo de alternância ele foi colocado de goela abaixo, não foi discutido com os estudantes, não fazem parte do planejamento. Os professores fazem os planejamentos e depois diz que podemos sugerir. O porquê até hoje não tem uma definição especifica sobre o que é alternância, em relação para que ela serve, então não fica claro, o objetivo da alternância e o que faz é para cumprir tabela e isso acontece no tempo comunidade e somos ignorados dentro desse processo aí. (informação verbal)⁶

Tal ideia tem sentido no dia a dia do curso vendo-se que de fato não há uma preocupação em aplicar a alternância como deve ser feito, sendo mais fácil adotar outros modelos menos trabalhoso, e, que não exige tanto dos professores.

Foi indagado também com os entrevistados sobre o que pensam sobre o modelo de alternância proposto pelo curso e a contribuição ao coletivo da organização dos estudantes e o entrevistado (1) falou que contribui para uma vivência coletiva, estabelecendo uma relação mais responsável, relação com os demais que não tiveram a mesma oportunidade. O

⁵ Informação concedida pelo estudante 1, em abril de 2019, em Rolim de Moura, RO.

⁶ Informação fornecida pelo entrevistado 2, em maio de 2019, em Rolim de Moura- RO.

entrevistado (2), disse que o curso de alternância não colabora muito não e até piora porque tem trabalho passado em grupo ignorando às vezes a questão da localidade e muitas vezes atividade e demora para entregar o trabalho de dois extremos do estado Cabixi a Nova Mamoré, como é que faz trabalho assim que abrange as duas realidades dos alunos.

Na busca em atingir aos objetivos em relação ao modo de saber como a organização dos estudantes participa dos métodos de ensino aprendizagem aplicados no curso, o Entrevistado (1) disse que é conforme a orientação do professor e construído junto em sala. O entrevistado (2), disse que no início havia um coletivo, no caso dos estudantes não formal e com representação e a turma tem dois representantes, mas eles não tinham muita participação, no caso de proposição não é dado e quando é dado são com mínimas condições é só simplesmente para dizer que participou, mas é deixado de lado.

Segundo o entrevistado (1), fazer a alternância é adquirir conhecimento sem perder seu vínculo com o espaço onde mora e assim fortalecer sua identidade. O entrevistado (2), falou que o que acontece é estudo dirigido, pois passa um determinado tema tem que entregar a produção desse tema e os professores cobram no final de cada etapa. Diante dessa visão sobre as características da pedagogia da alternância aplicado no curso, procurou-se saber quais instrumentos pedagógicos da pedagogia da alternância estão sendo aplicados no curso. O entrevistado (1), disse que é construído do conhecimento a partir de elementos da realidade do acadêmico. Já o Entrevistado (2), disse sobre algumas coisas do estudo dirigido que era também preparação para intervenção que era da disciplina de Fundamentos da Educação, mas a maioria só passa exercício para cumprir tabela.

Com o intuito de compreender a visão dos estudantes sobre a organização e a pedagogia da alternância, se fez necessário investigar se conhecem a proposta da pedagogia da alternância desse curso que está no projeto e entender quais de saber dessas propostas. O entrevistado (1), disse que não sabe, porque é muito atropelado o processo muita tarefa. Entrevistado (2), comenta que, no papel o projeto está muito bonito, mas não há a aplicabilidade na prática e a desculpa é a falta de recursos.

Nesse sentido procurei saber como está sendo implantado os métodos de alternância na comunidade através dos ensinamentos do curso. Entrevistado (1) disse, que a proposta de trabalho realizado na comunidade é construída a partir de levantamento feito pelo acadêmico, e o Entrevistado (2) aborda que cada um constrói sua forma à aqueles que estão mais engajados e outros vão para suas casas cuidar de seus afazeres não há nada de retorno para a comunidade.

Vê-se que se faz necessário compreender os métodos da alternância que devem ser

aplicados na comunidade e qual seria o desempenho dos professores na alternância. Assim, Carvalho e Mares (2009), alerta que o professor deve ter boa relação com o aluno e com os pais do aluno usando como método de aproximação da realidade do aluno, mas o espaço pedagógico e educativo vai mais além, na medida em que esse deve se relacionar com agricultores e lideranças, para também compreender seus saberes e relacioná-los com os conteúdos teóricos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho teve por objetivo compreender o funcionamento da auto-organização dos estudantes do curso de Licenciatura em Educação em Ciências da Natureza e Ciências Humanas e Sociais, numa tentativa em dar vozes aos sujeitos que fizeram o referido curso desde seu início em setembro de 2015, com sua aula inaugural, marcando início de tal evento, pois houve a necessidade de organizar o alojamento, alimentação e toda vida de grupo dos acadêmicos.

Diante da reflexão feita com os autores sobre o assunto foi feita observação e análises aos questionários e entrevistas aos estudantes e com a professora. Foi possível perceber que a um afastamento entre os professores do curso em relação a organização dos estudantes e os princípios da alternância, mesmo alguns estudantes demonstrando compreender minimamente a importância do coletivo dos estudantes, dos princípios da pedagogia da alternância e instrumentos pedagógicos, ainda assim notou-se pouco conhecimento sobre o assunto.

A pesquisa focou na organização dos estudantes como modo de participação no curso e buscou saber então o que entendem por pedagogia da alternância e sua importância, sobre a relevância dos instrumentos pedagógicos e o importante papel do educador em tal pedagogia. Assim, foi possível perceber da dificuldade de entender sobre o assunto, o que teve como consequência o não cumprimento dos princípios e instrumentos, sendo dessa forma não aplicando essa metodologia como falada pelos autores. Também na prática houve afirmações que não foi possível fazer a alternância por falta de recursos e o Estado de Rondônia é muito grande não da para abarcar todos. Nas falas ficou claro que a forma de organização dos estudantes dificulta uma aproximação e maior autonomia desse coletivo com o curso.

Com base nos teóricos pode-se compreender a distância que há entre o papel da organização dos estudantes com a realidade encontrada no curso do Educação do Campo e um grande prejuízo devido ao não uso dos instrumentos pedagógicos que são ferramentas para avaliar o educando é, altamente relevante para a pedagogia da alternância.

Os instrumentos pedagógicos colocam em aproximação educador e o educando, famílias, comunidade e as organizações sociais, dentro do processo de educativo, sabendo que o uso desses instrumentos, juntamente com os ideais da Educação do Campo se tornam a ponte para a formação de uma consciência crítica.

No geral, os estudantes não sentem os efeitos negativos da não experiência efetiva com a auto-organização no curso de Licenciatura em Educação do Campo, pois a maioria deles fica apenas em volta dos discursos dos professores que não fizeram avançar tal instrumento pedagógico, que serve também para reivindicar do Conselho de Departamento as necessidades relacionada com a vida estudantil.

Outro aspecto a se considerar é que os professores ainda não conhecem a Pedagogia da Alternância, que é a base para todo o Projeto do Curso e isso impediu que avançasse a organização em todos os sentidos. Isso pode atrapalhar muito a vida dos futuros profissionais que amanhã atuarão nas escolas no Campo de Rondônia, na medida em que não tiveram o conhecimento para trabalhar com temas geradores e a organização da turma.

É preciso considerar também que auto-organização ajuda a corrigir problemas no grupo como a não cooperação entre todos, reforça a responsabilidade com as atividades de trabalho, educa para o cumprimento das atividades, ajuda a valorizar o trabalho dos colegas, trabalha na correção dos vícios ideológicos existentes a partir da organização do trabalho, e muito mais coisas importantes para a vida pessoal e social dos educadores do campo.

A organização dos estudantes não depende muito do modelo de alternância aplicado, considerando é claro que na prática em uma pedagogia da alternância realizada de forma correta, influenciaria em melhor prática de organização, desses sujeitos que viveriam uma prática que atenderiam suas necessidades, como camponeses que valoriza e vive no campo, mas que deve avançar com as discussões, pois quanto mais organizados melhores será a permanência no curso.

Na auto-organização em geral tem-se um rodízio nas atividades do grupo e isso faz com que os acadêmicos valorizem o trabalho do outro, porque sentem as mesmas reações ao realizarem a tarefa do colega e exercitem a vivência de algo que antes poderia ter feito críticas. Assim, o espírito de liderança pode ficar mais desenvolvido no grupo, ajudando a pessoa a ter maior iniciativa, criatividade e tolerância com os indivíduos que necessitem de seu apoio e compreensão.

SELF – ORGANIZATION OF STUDENTS IN THE FIELD EDUCATION LICENSING COURSE AND THE FORMATIVE PROCESS OF PEDAGOGY OF

ALTERNANCE

ABSTRACT

The work "Self-organization of students in the degree course in Field Education and the formative process of the pedagogy of alternation", analyzes the way students are organized in the way the pedagogy of alternance is being implemented in the Degree Course in Field Education of UNIR. The research seeks to understand the characteristics and sayings of students and teachers about the pedagogy of alternation and the importance of the organization of students as trainers of critical awareness of these subjects. This is an exploratory research, with a socio-historical approach involving eight subjects, using the interview and questionnaire, two students, one from the natural sciences class, another from the social and human sciences class, and a questionnaire with a class teacher of human and social sciences and this last instrument in three students of the human sciences and two of the science of nature. The research demonstrated that the pedagogy of alternation proposed by the course has flaws in its application, since the pedagogical instruments make up this pedagogy are not being applied in the course, getting more with time university and time community. It was also realized that the students' organization and the pedagogy of alternation, with the active participation of the teachers of the course is decisive and urgent for the socio-pedagogical formation of the future professionals, who will work in the education of the field of Rondônia or other states of the country.

Key words: Pedagogy of alternation. Pedagogical tools. Self-organization of students.

REFERÊNCIAS

CAPRILES, Renê. **Makarenko**: o nascimento da pedagogia socialista. São Paulo: Spcione, 1989.

CARVALHO, Cilésia. MARES, Tânia. **Pedagogia da alternância**: sua prática e contribuições para uma educação de qualidade no campo. 2009, Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/pedagogia-da-alternancia-sua-pratica-e-contribuicoes-para-uma-educacao-de-qualidade-no-campo/24582/>. Acesso em: 20 abr. 2019.

D'AVILA, Boeno Jaqueline; MELLO, Juliana Cristina de Melo. A auto-organização dos estudantes no colégio estadual do campo Iraci Salete Strozak. In: Encontro Estadual das Educadoras da Reforma Agrária do Paraná, VII. Cascavel Paraná, 2015.

FERREIRA, Neves, Glória da Maria. **Pedagogia da alternância**: um estudo sobre a organização dos estudantes da/na Escola Família Agrícola de Jaguaré. Vitória-ES, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 43. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GIMONET, Claude-Jean. **Praticar e compreender a pedagogia da alternância dos**

CEFFAS. Petrópolis, RJ: Vozes, Paris: AIMFR, 2007.

MARIRRODRIGA, Roberto Garcia; CALVÓ, Pedro Puig. **Formação em alternância e desenvolvimento local:** o movimento educativo dos CEFFA no mundo. Trad. Luiz da Silva Peixoto; João Batista Begnami; Thierry de Burghgrave; Francisco Trevisan; Laine Fátima Ulegon. Belo Horizonte: O Lutador, 2010. (AIDEFA).

MOREIRA, Flávio. **Formação e práxis dos professores em escolas comunitárias rurais:** por uma Pedagogia da Alternância. Vitória: UFES, 2000. 325 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória-ES, 2000.

PISTRAK, Moisey. **Fundamentos da escola do trabalho.** 4. ed. São Paulo: Expressão popular, 2005.

RIBEIRO, Marlene. **Movimento camponês trabalho e educação liberdade, autonomia, emancipação:** princípios/ fins da formação humana. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SILVA, Helena. Lourdes. **As experiências de formação de jovens do campo:** alternância ou alternâncias? Viçosa-MG: UFV, 2003.

SILVA, Helena. Lourdes. **As representações sociais das relações educativa escola- família no universo das experiências brasileiras de formação em alternância.** Tese (Doutorado). Universidade Federal de Viçosa. São Paulo: UFV, 2000.

União das Escolas Famílias Agrícolas (UNEFAB). **Revista da Formação por Alternância** , v.10, Brasília, 2010

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: formação em alternância e desenvolvimento sustentável. Brasília 12 a14 de novembro de 2002.